Sei que é classico em literatura psychiatrica fazer uma distincção entre psychico e mental, o que viria tornar por demais complexa, sinão invalidar, aquella affirmativa preparatoria. Creio no entretanto que essa distinção entre psychico e mental não tem mais razão de ser, no estado presente da sciencia.

Primeiramente, os psychiatras preferiam o termo mental ao psychico para que não houvesse confussão entre os phenomemos do pensamento e certos factos, chamados occultos, de levitação, telekinesia, cryptesthesia, ectoplasmia e outros mais que, aos fins do seculo passado e principios deste eram, frequentemente, capitulados sob o rotulo geral de phenomenos psychicos.

O termo psychico era, pois, equivoco.

Ora, altualmente, esta equivocidade ja não existe: de um lado a psychologia apropriou-se em definitivo do vocabulo psychico, dando-lhe um valor nitidamente definido e absolutamente alheio a phenomenos occultos, de outro lado Charles Richet creou um neologismo para designar esses ultimos: o metapsychismo.

Em segundo logar, as distincções entre mental e psychico feito pelos psychiatras provinham de que ao primeiro uniam elles o factor consciencia e ao sugundo o factor inconsciencia ou sub-consciencia. Era um abuso terminologico porque a palavra psychismo principiou a ser usada justamente para expressar os phenomenos conscientes do pensamento e só mais tarde, com os estudos de Pierre Janet e de Grasset foi que se principiou a saber da existencia de phenomenos psychicos inconscientes.

O termo psychismo significava, pois, ao principio, phenomeno do pensamento consciente e identificava-se, então, com o mental. Só depois extendeu-se aos phenomenos do pensamento inconsciente e tornou-se desde ahi generico, abrangendo os factos conscientes e inconscientes do pensamento.

Psychismo, pois, é genero, abraçando duas especies:

consciencia ou psychismo superior de Grasset, e in-

consciencia ou psychismo inferior de Grasset.

O mental é, assim, uma modalidade do psychismo, o psychismo consciente, e nada havia, nem ha, que justifique um antagonismo entre estes dois termos. O psychismo pode referir-se, é verdade, a phenomenos inconscientes ou sub-conscientes, mas trata também dos factos conscientes do pensamento e nesse caso em nada se distingue do mental.

Dizer-se, como ainda hoje se repete, que a phychiatria trata das molestias mentaes, isto é, das que attingem a consciencia, e não das molestias psychicas, é uma in-

congruencia.

Isso por duas razões:

Primeira: onde ha mental ha psychismo.

Segundo: os dois psychismo estão intimamente ligados entre si, influenciando-se reciprocamente, e as molestias que se tem dito pertencerem ao psychismo inferior, exclusiva ou principalmente, como a psychasthenia e o pithiatismo, não resistem á analyse psychologica sem evidenciarem ser, ao contrario, essencialmente mentaes.

Detenhamo-nos alguns instantes para demonstrar este asserto.

Pelo moderno conceito de Babinski o pithiatismo é uma simulação inconsciente determinada por uma

supersuggestibilidade.

Ora, influenciar-se por uma hetero ou auto-suggestão, ao ponto de simular inconscientemente toda um cohorte de signaes morbidos, da hemiplogia á amaurose, é prova evidente de que o pithiatico tem um grande deficit do poder frenador cortical que não detem os impulsos do psychismo inferior, os pendores automaticos da inconsciencia.

Quem pratica actos automaticos não tem nada exaltado em seu psychismo, como se poderia suspeitar, imaginando um falso erethismo da inconsciencia, mas, muito ao contrario, o automata tem uma diminuição da capacidade inhibitoria, uma fallencia do poder frenador, que deixa solto a desencadear-se o armazem de energia nervosa cortical que géra o automatismo.

A supersuggestibilidade é essencialmente uma fraqueza do poder inhibitorio cortical que nos actos psychicos de elaboração constitue a attenção e nos actos reaccionaes exteriorisa-se como volição. Por isso o pithiatico é um desattento e um hypobulico.

E que ha de mais caracterizadamente mental do

que o poder cortical, a attenção, a vontade?

Assim, pois, á luz da interpretação psychologica, o pithiatico é um doente mental, tem perturbado o seu psychismo por *deficit* da capacidade inhibitoria, donde; hypoprosexia, supersuggestibilidade, hypobulia. fabulação, automatismo.

Tal o pithiatico, qual o psychasthenico.

Obsessões, phobias, impulsos, são todos symptomas de debilidade do poder frenador cortical, hypoprosexia nas obsessões, hypobulia nas phobias e impulsos.

O psychasthenico, ao mesmo titulo que o pithiatico, deve, pois, ser considerado como um doente mental.

Todos os dois, pela frouxidão de seu psychismo superior, ainda têm a capacidade receptiva dos centros corticaes pré-frontaes, mas, estes só possuem em gráo minimo o poder reaccional, que exerce a acção frenadora sobre os outros centros.

Encerro aqui essa breve digressão, demonstrativa de que as psychoneuroses são molestias essencialmente mentaes e volto ao ponto em que dizia não haver opposição entre mental e psychico, estando o primeiro contido no segundo.

Portanto, quando affirmo que a loucura é a molestia do psychismo abranjo todos os disturbios que se realizarem no psychismo inferior ou inconsciencinte e no psychismo superior ou consciencia, ou ainda, mental, e dou á loucura o conceito mais extenso possivel. Mas, si a loucura é a molestia do psychismo, como caracterizar este estado morbido?

Toda molestia exhibe os mesmos phenomenos que a vida, porque é a propria vida em uma manifestação especial. A morbidez psychica deverá, dest'arte, apresentar os mesmos phenomenos que existem no estado de saude, mas, modificados, variados, transfigurados.

De que natureza é essa modificação? Em que consiste essa variação morbida? Eis ahi todo o problema.

A vida é essencialmente um dynamismo, transformações de materia e de energia: phenomeno. Mas, o phenomeno vida, além de ser por demais complexo, é inconstante e variado. Não ha uma vida, mas vidas. Todos os phenomenos vitaes não são identicos a si mesmos, mas, differem, variam, diversificam-se, transmudam-se, consoante causas endogenas e exogenas, relativamente ao organismo. Não ha uma unica actividade physiologica que seja rigorosamente reproduzida no curso da vida. Em rigor, o processo digestivo, que se realiza hoje em um homem não pode ser exactamente o mesmo que o de hontem, variando, como variam, permanentemente. as condições extrinsecas e organicas do individuo, pela propria evolução cyclica da vida. A circulação arteriovenosa de um momento não é a mesma que de outro. basta passar o organismo do estado de repouso ao de movimento, da sombra ao sol, da serenidade á emoção. do somno á vigilia. Não é precisamente a mesma a crase sanguinea de uma hora a outra do dia, nem da infancia á senilidade. O metabolismo de um instante não se repete senão em aproximações. Anabolismo e catabolismo luctam entre si, obstinadamente, sem nunca encontrar equilibrio definitivo, numa constante oscillação. Porque o equilibrio seria a estática e a estática a morte.

No perpassar dos minutos e dos annos os tecidos modificam-se, das cellulas embryonarias ás escleroses e degenerações da velhice, os orgãos reagem, desenvolvem-se, atrophiam-se, os rythmos acceleram-se ou retardam-se, as funcções exacerbam-se, quebrantam-se, compensam-se.

A vida é duas vezes variação: variação inexgôtavel

de variações materiaes e energeticas.

E tudo isso pode estar dentro dos limites da perfeita saude . . .

A grande maioria dessas variações passa-nos despercebida e inconsciente e só as mais violentas ou reiteradas attingem o nosso subjectivismo ou despertam a nossa observação. E' entre ellas que está a doença,

Aquellas que, si perdurarem, conduzirem á morte,

s rão ainda vida, mas, vida morbida: a molestia.

Assim, tambem, para o mundo do pensamento, a esphera movediça do psychismo.

Os phenomenos psychicos variam sempre. Entre essas variações estará forçosamente a loucura. Qual dellas?

Tinha, pois, razão ao affirmar, pouco antes, que a difficuldade para definir a loucura não está em descobrir o seu genero, mas, sim, em precisar, dentro desse genero, a especie a que corresponde.

A loucura é uma variação do psychismo, variação

que sempre existe, mesmo fóra da loucura.

Resta-nos saber qual a especie de variação do psychismo que consubstancia a loucura.

Falando a clara linguagem da logica: o genero da

loucura é a variação do psychismo.

Para defini-la basta, agora, perquirir a sua differença especifica.

Estudemos todas as variações possiveis do psychismo

e procuremos descobrir, entre ellas, a loucura.

Antes, porém, de estudar as variações do psychismo, cumpre saber quaes os seus grandes processos.

IV. Discriminação das funcções psychicas.

O psychismo triparte-se em funcções de receptividade, quando, pelos conductos nervosos centripetos as myriades de excitações exteriores alcançam os centros medullares e encephalicos, funcções de *reacção*, em que o organismo reage ao meio ambiente, descarregando a energia nervosa pelas vias centrifugas e determinando ou inhibindo o movimento, e, finalmente, funcções intercalares, chamadas *elaborativas*, que constituem o laço unitivo entre a receptividade e a reacção psychica, differenciando, assim, esta ultima do puro refiexo.

Como, para os centros nervosos, o exterior não é sómente o meio externo ao organismo, mas, ainda esse mesmo organismo em seus multiplos departamentos, resulta dahi que a sensibilidade é dupla: uma que leva as solicitações da ambiencia aos centros neuronaes, outra que conduz a esses mesmos centros as excitações oriundas do proprio organismo. Ha, pois, uma sensibilidade para o meio ambiente e outra sensibilidade organica. A segunda é a classicamente denominada cenesthesia. A primeira bem poderia receber o nome de ectoesthesia.

A ectoesthesia diversifica-se em tantos sentidos quantas as vias differenciadas de transporte da impressão exterior ao cortex cerebral: visão, audição, tacto, thermação, gustação, olfacção, orientação (na parte proveniente dos canaes semi-circulares). *)

Posto de lado o reflexo, em sua accepção restricta, que é o acto original do psychismo, as funcções de reacção dividem se em automaticas e volitivas. Volitivas quando, presente o poder inhibitorio dos centros corticaes frenadores, o acto reaccional só é executado apóz o confronto de representações e affectos correlatos, que caracterisa a deliberação. Automaticas quando, ausente esse poder inhibitorio, os actos reaccionaes são executados immediamente por determinações associativas dos centros corticaes, sem a detença deliberadora.

^{*)} Penso que a sensibilidade dolorosa não deve ser considerada como uma sensibilidade especial, mas, apenas, como a manifestação mais rudimentar da tonalidade affectiva, commum a todas as esthesias. Opinião semelhante é a de A. Rey. Vêr "Psycologie et Philosophie", pag. 24.

Os phenomenos psychicos de elaboração são de duas ordens: affectivas e intellectuaes. A affectividade, polarizada nos affectos fundamentaes dôr e prazer, radicada nos instintos de conservação e expansão do individuo. parece dépender essencialmente de reflexos vago-sympathicos, talvez relacionados com centros encephalicos infra-corticaes. A intelligencia não passa de duas funcções psychicas: a retentiva, que encontra o seu substracto anatomico na plasticidade dos neuronios e a associação, garantida pelas fibras inter e intra-lobares e pelas fibras commissuraes inter-hemisphericas. A rctentiva conserva os engrammas das sensações e percepções, creando as imagens reaes ou lembranças. A associação approxima e funde essas imagens reaes e engendra imagens irreaes, inventadas ou reconstruidas, pela imaginação; abstrae e generaliza as imagens e concebe representações sem correspondencia concreta, as ideias, pela ideação; relaciona essas ideias, forjando os juizos e comparando-os, finalmente, entre si: é o julgamento e o raciocinio.

A despeito, pois, da sua extrema complexidade nos processos e nos resultados, a intelligencia reduz-se, rigorosamente, a duas unicas funcções psycho-physiologicas: uma de caracter passivo e de effeito conservador — a retentiva, outra essencialmente activa e creadora — a associação — associação imaginativa, associação ideativa, associação julgadora, associação raciocinante.

No fundo, intelligencia e affectividade ligam-se intimamente. São dois caminhos differentes que conduzem as sensações ao mesmo limiar das reacções automaticas e volitivas, um principalmente cerebral, outro predominantemente vago-sympatico, um essencialmente individual, e virtual, outro, possivelmente, pré-estabelecido por herança ancestral.

Finalmente a synthese subjectiva de todos esses factos psychicos constitue a consciencia.

Resumamos em um quadro synoptico o que aqui tenho dito:

São essas as grandes ordens de phenomenos psychicos que se processam de maneira instavel e cambiante, oscillando entre multiplas variações.

Estudarei, agora, em cada uma dessas categorias, as variantes possiveis mais importantes, para perquirir,

entre ellas a localisação da loucura.

V. Escala psychica entre a hygidez e o morbido

Uma sensação isolada é um elemento para conhecer a realidade, mas. não é ainda esse conhecimento. O conhecimento tem como representação fundamental a percepção, reunião de sensações simultaneas correspondentes a um mesmo objecto, synthese das funcções receptivas em uma figuração individual.

A percepção, pois, é uma agglutinação de sensações,

correspondente a um objecto real.

Mas, essa é a percepção pura oriunda, em todo o

seu conteúdo, das impressões exteriores.

Além de tal ordem de percepções, ha as percepções assimiladas que provêm, em parte de sensações que se agglomeram, em parte de imagens reaes que são evoca-

das pela memoria. Quando se conhece ao longe uma pessôa, não se tem a percepção pura dessa pessôa, mas, sim, algumas sensações della promanadas que, sommadas a lembranças retidas pela memoria, em outras occasiões que já a vimos, dão uma representação integral que corresponde á essa mesma pessôa e faz com que se a reconheça. A creança que lê um texto demora na pronuncia de cada palavra, porque necessita observar attentamente, para ter a sensação visual de cada letra.

O adulto lê corrido, porque, para ter a percepção de uma palavra, não precisa receber a sensação especial de cada uma das letras. Basta ver algumas e as imagens evocadas pela memoria juntam-se a ellas, comple-

tando a palavra.

Nesses casos, pois, a percepção não é, apenas, um acto de receptividade, mas, tambem de elaboração: ha uma corrente exogena insufficiente para individualizar a percepção e ha uma corrente endogena que a vem completar.

Tal é a categoria das percepções assimiladas.

Imaginemos, agora, que a corrente endogena forneça imagens que sommadas á corrente exogena dê uma percepção não correspondente ao objecto impressionante. E' ainda uma percepção assimilada, mas, tão intensamente,

que deixou de ser verdadeira, tornou-se illusoria.

Um objecto é capaz de fornecer as sensações A, B e C. Nas condições em que elle se encontra, relativamente ao observador, fornece apenas as sensações A e B (corrente exogena). Si a memoria evocar a imagem correspondente á sensação C (corrente endogena), a percepção será completada e correspondente á realidade. Será uma percepção assimilada e verdadeira. Si, porém, a corrente endogena trouxer uma imagem D, a percepção será completada erroneamente e não corresponderá á realidade. E' uma illusão.

Vejo, á distancia, um homem cuja physionomia ainda está indistinta. Pelo traje, pela altura e pelo andar (cor-

rente exogena), a minha memoria evoca a physionomia de uma pessoa conhecida (corrente endogena) e eu acredito reconhece-la. O homem approxima-se e observo que a corrente endogena completára a minha percepção falsamente: trata-se de outra pessôa. Houve uma illusão. Assim sendo, a illusão nada mais é do que uma percepção fortemente assimilada. E', como diz Bleuler: "a caricatura

de um processo normal".

Alfred Binet tem uma curiosa interpretação acêrca das hallucinações. Para elle todas as hallucinações reduzem-se á illusão. A hallucinação seria uma percepção assimilada ao maximo, uma illusão em que a corrente endogena fosse tão vigorosa que a representação estivesse quase só por ella constituida, havendo uma tenuissima corrente exogena que, commumente, passaria despercebida ao alienista, quando observa o delirante. Ainda segundo aquelle autor a fragil corrente exogena valeria para desencadear a allucinação e a volumosa corrente endogena dar-lhe-ia a sua natureza particular.

Assim, não se processariam hallucinações visuaes, havendo amaurose, nem hallucinações auditivas com

surdez.

Parece que a doutrina de Binet extende-se a um numero vastissimo de casos, mas não a sua totalidade.

Aliás, não ha certeza de que existam hallucinações visuaes acompanhadas de cegueira ou correspondentes a outros sentidos de funccionamento abolido. Taes hallucinações, porêm, como affirma William James, seriam, ao menos, possiveis.

Uma outra interpretação das hallucinações assaz engenhosa, que abrangeria esses ultimos casos, é a de Tamburini, a mesma que Bleuler commenta em seu "Tratado

da psychiatria".

Quando as acções do meio ambiente actuam sobre os nossos sentidos, os centros psychicos correspondentes são fortemente abalados. Este intenso funccionamento dos neuronios corticaes condiciona, physiologicamente, o

phenomeno psychico da percepção. No momento em que essas acções cessam de actuar sobre os apparelhos nervosos periphericos, os neuronios corticaes cessam, outrosim, de funccionar.

Nelles fica, porém, impresso o engramma da percep-

ção passada.

Ulteriormente, sí as associações corticaes inter-neuronaes despertarem novamente a actividade de taes neuronios, elles funccionarão menos intensamente do que quando excitados pelo influxo nervoso das vias centripetas e reproduzirão pallidamente a percepção cujo engramma foi retido. E' essa descorada e frouxa reproducção que constitue a imagem real.

Conceba-se, agora, que havendo uma causa toxica, infecciosa, traumatica, ou reflexa, capaz de determinar uma irritação no cortex cerebral, os neuronios sensoriaes cerebraes sejam solicitados ao trabalho, com a mesma intensidade como se estivessem sob o choque violento da recepção de impressões provenientes dos apparelhos periphericos.

Que resultaria dahi?

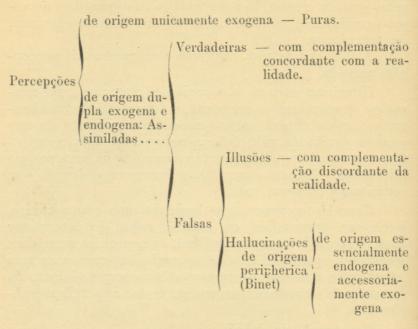
Os centros nervosos corticaes reproduziriam a percepção guardada pela memoria, com tal vigor, que não haveria, para a consciencia, determinação de uma simples imagem, mas, sim, creação de uma representação tão viva quanto a propria percepção e com ella plenamente confundida: eis a hallucinação.

Por essa doutrina a hallucinação dependeria de uma unica corrente, a endogena, e explicaria as possiveis hallucinações corresdondentes a orgãos dos sentidos já destruidos.

Em taes casos as hallucinações não serão disturbios da percepção, mas, ao contrario, das imagens, tornadas consideravelmente mais vivas e pronunci das.

Equivalentemente succede para as perturbações cenesthesicas.

Resumamos numa synopse o que foi dito: —



Imagens hypertrophiadas — Hallucinações de origem exclusivamente endogena (Tamburini).

Taes são as variações dominantes que se relacionam aos factos psychicos da receptividade.

Cumpre ainda, para completar essa revista, tratar da hallucinose, especie de delirio consciente.

Na hallucinação o insano acredita firmemente vêr, ouvir ou sentir uma percepção que, em verdade, não existe.

Na hallucinose o paciente assiste á falsa percepção, mas, comprehende a sua irrealidade e procura acautelarse do equivoco.

De tudo isso resulta que as variações de percepção dispõem-se em uma serie progressiva da percepção rigorosamente normal á hallucinação reveladora de um

delirio, numa verdadeira escala, com transições muito subtis e assim encadeadas: percepção pura — percepção assimilada verdadeira — equivoco — illusão — hallucinose — hallucinação de origem peripherica — hallucinação de origem exclusivamente endogena.

As variações affectivas succedem-se tambem numa

sequencia gradativa.

O affecto fundamental *dôr* varia, pronunciando-se, na seguinte escala: — dôr — tristeza — depressão — melancholia — angustia — ansiedade.

O affecto fundamental prazer diversifica-se, exaggerando-se, nesta ordem: prazer — alegria — euphoria —

exaltação maniaca — moria — estado maniaco.

O sentimento do egoismo é normal e indispensavel: radica-se no instinto da conservação do individuo e faz com que elle não pereça na lucta vital. Pode, no entretanto, exaltar-se á autophilia, e ainda mais, ao ego-

centrismo e á egolatria.

O sentimento do altruismo é tambem normal e indispensavel: alicerça-se no instinto da expanção do individuo e proporciona o seu desenvolvimento, pelas vantagens da vida social. Exacerba-se, ás vezes, da philantropia á caridade e da caridade á generosidade prodiga, que gera os patriotas, os apostolos e o prophetismo.

A ambição é uma forma aggressiva sublimada do egoismo, mas, pode desgarar-se para a grandeza e a

megalomania.

Toda a effectividade póde, outrosim, embotar-se, fenecer ou aniquilar-se de um todo na indifferença.

Cogitemos, porém, dos phenomenos intellectuaes. E antes de tudo, algumas considerações a proposito das dysmnesias. Ensina a psychologia que a memoria processa-se por tres funcções essenciaes: fixação, conservação e evocação; donde, naturalmente, tres ordens de amnesias: amnesias de fixação, de conservação, de evocação.

Na amnesia de fixação o doente recorda facilmente os factos passados antes da molestia, mas, não retem os acontecimentos mais comezinhos do presente.

Na amnesia de conservação o molesto olvida os successos de sua vida passada, anterior ao disturbio mnesico, e não os reproduz, a despeito dos maiores esforços.

Na amnesia de evocação o paciente fixa e conserva bem as representações mentaes, mas, é com muito custo que as evoca e as recompõe.

Ora, a memoria não é uma funcção individualizada da intelligencia. Esta, como já vimos atraz, é constituida por duas unicas actividades: retentiva e associação.

A retentiva, oriunda da plasticidade neuronal, não evoca, mas unicamente fixa e conserva. Quem evoca é a associação por contiguidade.

As amnesias de evocação reduzem-se pois, a perturbações associativas.

Mas, a amnesia de fixação pode realizar-se fóra de qualquer disturbio da retentiva, quando a desattenção do doente não deixa que a percepção se demore sufficientemente no centro cortical, para imprimir lhe o engramma correspondente. É o que acontece principalmente nos psychastenicos, neurasthenicos e eschizophrenicos.

Nesse caso a amnesia deriva de uma insufficiencia do poder inhibitorio.

A unica amnesia, pois, que depende exclusivamente da retentiva é a amnesia de conservação a qual voltarei daqui a pouco. As outras serão tratadas, a seguir, juntamente com a funcção associativa.

Passo a examina-la.

A associação é uma funcção psychica automatica, pela propria lei psychologica do fluxo inevitavel e constante da consciencia, quer seja por contiguidade pura, quer seja por semelhança, que se processe.

A associação é, porém, regulada pela attenção, que nada mais é, em ultima analyse, do que o poder inhibitorio manifestado na elaboração.

Si esse poder frenador é augmentado ou diminuido, a funcção associativa varia no primeiro caso orientandose para o monodeismo, no segundo caso dirigindo-se para a fuga das ideias.

A variação associativa manifestamente normal, proveniente de uma exaltação da attenção é o estado de concentração intellectual que impede a associação linear e proporciona a irradiada, como succede no estudo e na meditação.

Em um gráo mais elevado, ha uma superattenção que absorve a consciencia em uma ideia dominante, que pode durar dias, semanas, ou até mesmo annos a eito, como acontece nos casos de intensa preoccupação com os successos graves da vida quotidiana e na obstinação das ideias delirantes dos paranoicos e paraphrenicos.

Em um gráo mais pronunciado ainda, a hyperprosexia detem na consciencia uma unica ideia, aniquillando toda e qualquer associação e originando, dest'arte, um absoluto monodeismo: é o caso da ideia fixa.

Cabem aqui as dysmnesias de evocação.

Considerando, agora, a diminuição da attenção, isto é a hypoprosexia, encontra-se o caso mais elementar na palestra mundana em que a associação perde os caracteres concentrativos do processo irradiado e torna-se puramente linear.

De mancira mais frizante o poder frenador pode decrescer ao ponto de tornar a associação linear muito rapida, como a simples loquacidade, até a celeridade extrema, a fuga das ideias, em que o apparelho da palavra é. ás vezes, por demais tardo para corresponder ao pensamento instantaneo e só expressa as ideias com grandes falhas, dando o aspecto enganoso de incoherencia.

A escala das variações associativas é, pois, em um sentido: associação linear — associação linear facilitada — fuga de ideias; em outro sentido: concentração

— preoccupação — obstinação — ideia fixa.

No emtanto, fóra das modificações da funcção associativa, dependentes do poder de attenção, pode ella alterar-se qualitativamente, por lesões das fibras associativas, que estabelecem contiguidades artificiaes entre as representações psychicas e as associa de maneira desordenada, sem correspondencia com a realidade: é a incoherencia.

Della falarei daqui a pouco, quando tratar de novo das amnesias de conservação.

Considerando particularmente a associação imaginativa descobre-se uma nova seria: imaginação reconstructora — imaginação creadora — mentira — simulação — mythomania — fabulação.

Para o julgamento e o raciocinio, ainda uma outra escala progressiva de variações psychicas: desde o raciocinio surprehendente do genio á logica vulgar da mediocridade, desta ao sophisma involuntario do fallacioso até a paralogica do delirante interpretador.

A amnesia de fixação, quando depende de hypoprosexia, estende-se, tambem, numa transição imperceptivel da simples e quotidiana amnesia por desinteresse até a ausencia absoluta de capacidade de fixação, nos casos pronunciados de eschizophrenia.

Tudo isso attinente aos actos psychicos de elaboração.

Si, agora, cogitarmos das funcções de reacção encontraremos aqui, como alhures, a mesma escala gradativa do perfeito estado de sanidade psychica á morbidez declarada e evidente.

Decrescendo o poder frenador e encaminhando-se a vida activa da volição ao automatismo, verifica-se a seguinte serie: duvida — negativismo — hypobulia — impulsividade.

A duvida, fundamento legitimo do methodo cartesiano, vae até a incapacidade de attenção, portanto do poder inhibitorio, que não pode deter em definitivo nenhuma representação no fóco capital da consciencia.

O negativismo é uma hypoprosexia mais elevada ainda, pela qual se facilitam as associações extremadas por contraste, fazendo passar qualquer ideia, que se suggira,

immediatamente para sua contraria.

O negativismo já pode passar do ambito do pensa-

mento para o da acção.

No hypobolia a força inhibitoria debilitada não frena sufficientemente os pendores affectivos e tem profundamente restricto o campo e o tempo da deliberação.

No impulso ha fallencia completa do poder frenador e a ideia apresentada á consciencia é logo posta em execução pela inclinação affectiva que a acompanha.

Finalmente, si lançarmos um olhar para as variações dos estados de consciencia, verificaremos, ainda e sempre, a mesma concatenação progressiva da perfeita sanidade á morbidez psychica, com transições imperceptiveis; devaneio — onirismo — sonho — obnubilação — somnambulismo artificial ou espontaneo, desde a rapida ausencia epileptica até as fugas inconscientes, que podem durar dias ou mezes, como os casos citados por Pierre Janet, Raymond e Grasset.

VI. Analyse dos limites da loucura.

A loucura é uma variação do psychismo.

Para especificar-lhe a natureza procurei caracterizar de uma maneira geral, essas variações fundamentaes.

Vimos até aqui que as variantes dos phenomenos psychicos encadeiam-se em uma seriação que vae da perfeita saude á alienação mental.

A natureza hygida e morbida desses extremos é

manifesta e evidente.

Para a percepção: percepção pura e hallucinação,

Para a affectividade; dôr e anciedade, prazer e mania, egoismo e egolatria, ambição e megalomania, altruismo e prophetismo.

Para a ideação: concentração intellectual e inhibição melancholica.

Para a imaginação: imaginação reconstructora e fabulação.

Para julgamento raciocinio: logismo genial e paralogica do interpretador.

Para o poder inhibitorio: duvida e impulsividade. Para os estados de consciencia: devaneio e somnambulismo ambulatorio.

Um simples enunciado desses phenomenos discernirá os sãos dos morbidos.

Percepção pura, dôr, prazer, egoismo, ambição, altruismo, concentração intellectual, imaginação reconstructora, logica genial, duvida, devaneio, são variações psychicas evidentemente normaes.

Hallucinação, anciedade, mania, egolatria, megalomania, prophetismo, inhibição melancholica, fabulação, interpretação delirante, impulsividade, somnambulismo ambulatorio, parecem, manifestamente, variantes pathologicas.

Mas, no meio desses extremos da escala psychica entre a hygidez e o morbido que ha pouco procurei descrever, ha um grande numero de termos intercalares, cujo valor physio pathologico é mister caracterizar. Onde termina a variação mental physiologica e onde principia a variação psychica pathologica?

Analysarei separadamente esse problema, conforme

as funcções psychicas consideradas.

A hallucinação não pode ser intimamente distincta da percepção normal porque como concebe Alfred Binet, ella é da mesma natureza que esta ultima, apenas, exaggeradamente assimilada.

Trata-se de uma simples alteração de intensidade

que apresenta todas as gradações possiveis e onde se perde o limite entre o normal e o pathologico.

Entre essas está a illusão que todos os homens têm quase quotidianamente.

As pesquizas do Census of Hallucinations dirigidas por Edmund Gurney mostram que, em media, um sobre dez dos homens tem uma hallucinação em alguma epóca da vida. Sabe-se que basta a existencia de uma grande fadiga para o surto de uma hallucinose ou mesmo de uma véra hallucinação.

Assim tambem, é impossivel estabelecer fronteira entre a affectividade rigorosamente normal e as formas morbidas de exaltação e de depressão.

Todo homem, apóz uma grande dôr moral, póde ficar em um estado muito vizinho da melancholia.

Entre a simples expansão de alegria por um successo favoravel á vida e a moria, ha transições que todo o psychiatra ficará indeciso na impossibilidade de os cata-

logar na physiologia ou na pathologia.

Alexandre Pilcz, de Vienna, conta: "Um dos mais illustres sabios da nossa Universidade, que se suicidou durante um estado depressivo, arrebatava seus alumnos e o mundo scientifico pelos suas lições oraes, cheias de espirito e de uma eloquencia fascinante durante os accessos maniacos."

Si uma molestia somatica intercorrente houvesse arrebatado aquelle professor antes do seu tragico fim, denunciador do transivo mental, como iriamos interpretar, com segurança, aquella exaltação inspiradora como um estado morbido?

Um doente de Kraepelin preparára um trabalho para um concurso em phase maniaca de sua cyclothymia. Sobreveio o periodo depressivo e elle não teve coragem de apresenta-lo. Novo surto maniaco succede e eis o concurrente conquistando o primeiro premio.

Não é de todos os dias que um homem encete um

trabalho com grande enthusiasmo, perca, depois, o seu ardor e por fim readquira-o e o leve a termo, com exito favoravel?

E uma vez que falei em cyclothymia: o periodismo maniaco-depressivo, a oscillação entre a tristeza e a euphoria, é por ventura exclusivo dos alienados?

Certamente que não.

A instabilidade affectiva é o proprio fundamento da personalidade humana.

Todos os homens sentem em sua consciencia a predominancia alternada dos sentimentos de alegria ou de tristeza.

Parece que isso é a obedencia de uma lei ma's geral, a lei da variação cyclica, que rege os phenomenos terrestres e sideraes.

A psychose maniaco-depressiva de Kraepelin seria, apenas, o exaggero no tempo e, principalmente, na intensidade do vaivem constante e normal da consciencia entre os dois extremos em que se polariza a nossa affectividade: dôr e prazer.

A egocentria é um disturbio affectivo, mas, todo homem que fôr mui vivamente lisongeado e demoradamente possuidor de honras ou poder, com facilidade véra exaltado o seu instincto normal de egoismo em autophilia. E é da autophilia que se descamba para todas as paranoias . . .

O prophetismo de todos os tempos é uma anomalia mental que se alimenta e se fortalece na credulidade das multidões, e, quando não dá ao enfermo o porte social de Antonio Conselheiro, contenta-se com os messias anonymos dos manicomios ou com a fama derrisoria de certos charlatães milagreiros . . .

Mas, a hesitação sempre nasce quando a sciencia tenta fazer o diagnostico retrospectivo dos raros apostolos que predicaram doutrinas originaes e beneficiaram a civilisação. Portanto, na esphera da receptividade e da affectividade os limites entre a saude e a loucura não podem ser rigorosamente traçados.

Cogitarei, agora, dos factos intellectuaes.

O estado de concentração intellectual, prova da mais perfeita saude, quando se pronuncia, pode alcançar a ideia fixa, presente nos delirantes. Mas, a ideia fixa não apparece sómente nos insanos. Nos homens sãos, como nos alienados, ella existe e determina, ás vezes, as mais brilhantes consequencias. Sabe se a resposta de Newton interrogado sobre como descobrira a gravitação universal.

Inversamente, si se procura violentar a torrente tumultaria dos pensamentos de um maniaco é possivel, ás vezes, diminuir a celeridade de suas associações, e restituir-lhe, por momentos, a razão. E' o que affirma Ritti.

Não ha limite preciso entre mythomania e simulação e, si esta fôr considerada como um symptoma indirecto de psychopathia, lembrarei que a simulação não differe em natureza, mas, unicamente em quantidade, das mentiras convencionaes, que os homens normaes praticam na vida quotidiana.

A psychiatria mede a logica do insano pelo bom senso, mas, todas as grandes creações scientificas são justamente as que contradizem o bom senso.

Barbé cita o caso de um paralytico geral ter sido ajudante de ordens de um rei das Indias. Os alienistas incluiram esse episodio no seu delirio demencial. No entretanto, a esposa do enfermo explicou que o facto era veridico e que seu marido acompanhara, antes da molestia, um aventureiro que conseguira gozar durante alguns mezes de um poder ephemero nas Indias.

Certos prophetas illustres com o aspecto integral de paranoicos — que se recorde a obra memoravel de Binet-Sanglé — sempre deixam o nosso espirito em duvida, porque nós não temos meio algum para desmenti-los ou contraria-los em suas affirmações sobre Deus e a immortalidade. Todas as cogitações inexperimentaveis escapam, em rigorosa analyse, ao diagnostico psychiatrico, salvo quando são julgadas, indirectamente, por outros symptomas concomitantes.

Vale a pena repetir, uma vez ainda, o que em psychiatria já é um truismo, a phrase celebre de Leuret: "Eu procurei seja na Charenton, seja na Bicêtre, seja na Salpetrière, a ideia que me parecesse mais louca; depois, quando a comparei a um bom numero das que andam pelo mundo, fiquei surprezo e quasi confundido de não ver nellas differença. Succederia o mesmo com os sabios?"

O criterio mais seguro para distinguir a associação mental pathologica é procurar a correspondencia entre o pensamento e a realidade objectiva. A associação psychica normal liga as representações concordamente com o objectivismo. O alienado associa as mesmas representações, mas, de maneira discordante da realidade: é o que Bleuler chama o pensamento autistico que faz a pedra de toque de sua eschizophrenia.

No entretanto, si examinarmos os factos cuidadosamente, veremos que o autismo não é exclusivo da loucura e que se extende até a intelligencia normal, perdendo-se nas fronteiras do pensamento scientifico.

O typo de pensamento rigorosamente normal, o mais concordante com a realidade exterior, é, justamente, o pensamento scientifico, que só se constitue após experimentações provadas e contra-provadas, reiteradamente. A sciencia é o opposto do autismo.

Mas, a sciencia só abrange o experimentavel e não attinge o inexperimentavel, o incognoscivel, como dizia Spencer. Para este ha uma outra ordem de conhecimentos pelos quaes o homem observa, concebe a hypothese directriz, mas não pode chegar á experiencia, terceira etápa da investigação: é a metaphysica. Neste caso o pensamento já não está tão coherente com a realidade,

porque a hypothese directriz não foi verificada. Não ha segurança si uma concepção metaphysica corresponde ou não á realidade, sendo como é, de natureza hypothetica. A metaphysica já é, pois, um esboço de autismo.

As doutrinas metaphysicas, porém, enforçam-se por ser verosimeis e logicas. No emtanto, ha uma outra cathegoria, ainda normal, em que se não presta obedencia nem á verosimilitude, nem ao logismo: é a creação poetica.

A ideação poetica pensa os maiores absurdos e compara os seres mais dissemelhantes, encontrando, precisamente, a belleza esthetica neste afastamento propositado do mundo da realidade.

Assim, a poesia é uma forma mais pronunciada de autismo.

Em um gráo ainda mais elevado, o autismo se apresentará como uma creação literaria, um verdadeiro drama imaginado e vivido, como si fora realidade:

Uma mulher fracassada em seus amores acredita que terceiros trabalharam e trabalham ainda por afastalhe do noivo e torna-se uma reivindicadora. Um homem inadaptavel por constituição morbida, á lucta economica, attribue todo o seu mallogro áquelles com quem convive e fica um perseguido. Um outro, preterido em um concurso, interpreta esse facto como prova de inveja dos examinadores e crea, aos poucos, no seu autismo extremado, todo um delirio de grandeza.

E' o que acontece com as psychoses de reacção. Passamos, assim, sem o sentir, á esphera da pathologia mental.

Finalmente, o autismo requinta-se e conquista o seu auge na eschizophrenia, em que a personalidade se fecha dentro de si mesma, enclausurando-se em seus pensamentos e creando pela imaginação um mundo inteiro differente da realidade e que a vem substituir, o qual só elle comprehende e expressa num symbolismo verbal

inintelligivel para os demais e cuja chave não nos fornece.

Chego assim, para a intelligencia, á mesma conclusão a que ha pouco fui levado a proposito de affectividade e de receptividade: Não ha limites precisos entre as manifestações intellectivas normaes e os symptomas morbidos.

Tratando das funcções de reacção e da insufficiencia do poder frenador, vejo que a duvida, primeira manifestação da debilidade inhibitoria, caracteristica dos delirios systematisados de supposição e dos estados phobicos psychasthenicos, é tambem uma manifestação eminentemente normal.

Na duvida systematica é que se fundamenta toda a sciencia e Sollier, nas primeiras paginas da sua admiravel monographia a esse respeito diz: "Nós não temos na realidade nenhum criterio de certeza. A duvida é pois não sómente possivel, mas legitima."

O negativismo e a suggestibilidade, a pezar de parecerem oppostos, são symptomas de uma mesma desordem mental: fraqueza do poder frenador e por isso surgem, ás vezes, simultaneos ou alternados, como na syndrome catatonica.

No entretanto, ambos os signaes são de valor essencial para a vida psychica normal. Sem a sujestibilidade não haveria o mimetismo, tão pronunciado na creança, e que é factor indispensavel para a formação da personalidade. O negativismo está radicado no fundo da consciencia pelo espirito de contradicção, que garante a consolidação da personalidade psychica e a iniciativa mental.

Esses dois symptomas, pois, são, apenas, accentuações de factos normaes.

A hypobolia, como se sabe, não passa de um gráo mais exaggerado dessa fallencia inhibitoria.

Emfim, a impulsividade abulica não é monopolio dos alienados e dos degenerados. Qualquer homem normal

em face de uma fortissima emoção, pode apresentar uma diminuição extrema passageira e relativa do poder frenador, por superaffectividade, e praticar um acto impulsivo.

Assim sendo, vê-se que os signaes morbidos das funcções de reacção são da mesma natureza que os phenomenos normaes, differindo delles, apenas, em in-

tensidade.

No que tange aos estados de consciencia, a manifestação mais elementar que tende para a subconsciencia é o devaneio. Ora, o devaneio é commum na sentimentalidade vaga dos adolescentes e fonte literaria para as obras de ficção.

Não ha demarcação precisa entre o devaneio e o onirismo e que limite se vae oppôr entre onirismo e sonho? Tem-se dito em linguagem pintoresca e verdadeira que

o delirio onirico é sonhar acordado.

No emtanto o sonho é acceitavel como normal e o onirismo pertence a multiplas psychoses.

Ainda mais: Entre o sonho e o somnambulismo

deambulatorio não ha differença essencial.

O somnambulismo é, apenas, um sonho mais vivo, em que as representações se transformam em actos.

A propria psychologia sempre encontrou grande difficuldade para explicar a transição entre a consciencia e a inconsciencia e até hoje é obscuro o problema da sub-consciencia.

De tudo quanto, até agora, tenho dito posso de-

duzir o seguinte:

- 1.º Todas as variações dos phenomenos psychicos são da mesma natureza, tanto para as variações normaes como para as variações pathologicas, differindo estas daquellas, pela sua maior intensidade.
- 2.º Nos casos de variações psychicas de fraca ou media intensidade o exame das funcções psychicas não pode fundamentar o diagnostico de loucura.

E nos casos de grande intensidade, esse diagnostico será realizavel?

Pareceria á primeira vista que sim, porque nos extremos de todas as escalas de variações psychicas sempre encontrámos symptomas de alienação.

Mas, é preciso, ainda aqui, fazer uma resalva.

Como vimos acima, uma hallucinação pode comparecer em um homem normal e o mesmo succede com um estado melancholico quase angustioso, uma ideia fixa, uma fuga de ideias, uma simulação, difficilmente distinguivel da mythomania, uma fallacia, um impulso, um somnambulismo esporadico.

Em face desses signaes, symptomas de differentes entidades psychiatricas, ainda assim, si forem passageiros e isolados, não se está autorizado a affirmar o diagnostico do genero loucura e muito menos de uma

psychose determinada.

Isso porque, como acabamos de frizar, o apparecimento eventual de todos esses signaes morbidos é possi-

vel, mesmo em perfeita sanidade mental.

Sómente si estas variações psychicas extremas surgirem sem causa apreciavel, com simultaneidade de duas ou mais e se reiterarem continuadamente, será licito formular o diagnostico generico de loucura e procurar qual a individualidade nosographica ajustavel ao caso.

Chego assim a uma nova conclusão:

3.º Nos casos de variações psychicas de forte intensidade o diagnostico de loucura pelo exame das funcções psychicas, só poderá ser feito si estiverem cumpridas as seguintes condições:

I. Ausensia de causa apparente.

II. Concomitancia de dois ou mais symptomas.

III. Persistencia dos mesmos.

As trez conclusões precedentes não encerram, porém, toda a verdade.

Quem me houver lido com attenção, observará, sem duvida, que, tratando das differentes modalidades de

variações dos phenomenos psychicos referi-me, apenas de passagem, á incoherencia na associação de ideias e a amnesia de conservação e disse que o commentario desses phenomenos seria feito depois, mui proposidamente.

E', agora, o momento preciso em que elle se torna

indispensavel.

Antes de tudo, que é incoherencia? E' uma variação da funcção associativa pela qual as representações podem continuar a ligar-se com a mesma rapidez, mas, de maneira desarrazoada, isto é, sem conformidade com a realidade exterior.

Aqui não se trata de augmento nem diminuação da rapidez de associação, como na mania e na melancholia; ao contrario, de uma alteração qualitativa.

O maniaco associa bem as ideias qualitativamente, mas com tanta rapidez que o seu pensamento se torna

inintelligivel: é a fuga de ideias.

O melancholico está concentrado em uma ideia de tristeza e muito custa a se apartar della por ter uma associação morosa e difficil, mas, si se violenta a inhibição melancholica, verifica-se que o doente pode pensar razoavelmente: a sua molestia é acima de tudo affectiva.

Outra cousa é a incoherencia. E' uma especie de perversão da funcção associativa, em que as ideias se associam sem directriz alguma, desordenadamente.

O typo clinico caracteristico da incoherencia é encontrado na demencia precoce. Bleuler isolou como entidade nosographica, a eschizophrenia, que tem como fundamento, precisamente, essa associação de ideias anomala e desconcertante e a qual abrange um territorio ainda mais vasto do que o da demencia precoce de Kraepelin.

Para maior clareza de comprehensão da incoherencia

de ideias, passarei a exemplificar.

Trata-se de um demente precoce de muitos annos, enfermado quando quintannista de medicina no Rio de Janeiro. Eis a reproducção de um seu monologo que consegui annotar:

> "Lindo, é, lindo, muito lindo. A D. Ricar-"dina é boa, é, lindo, na pensão, é, lindo, muito "lindo, si eu pouder voltar para aqui, gosto. "Porque não? Deus Nosso Senhor Jesus Christo, "perdão, perdão, lindo, lindo, lindo, muito lindo, "eu era interno, é, dá licença? E', não, não, "não pode ser, porque? Lindo, lindo, muito "lindo, é, muito lindo."

Aqui, além da estereotypia dynamica mental, observa-se, tambem, com clareza, a incoherencia, o desacerto da associação.

Bleuler cita um fragmento de narrativa feita por um eschizophrenico que, por não apresentar repetições verbaes, torna-se mais interessante, Ei-la:

"Epaminondas era extraordinariamente pode"roso por mar e terra. Dirigiu grandes ma"nobras navaes e batalhas maritimas contra
"Pelopidas, mas succumbiu na segunda guerra
"punica ao naufragar uma fragata encouraçada.
"Foi com os barcos de Athenas a Hain Mamre,
"trouxe granadas e uvas de Caledonia e venceu
"os beduinos, Sitiou a Acropole com canho"neiros e lhe prendeu fogo com a sua guarnição
"persa. O papa posterior, Gregorio VII, seguiu
"seu exemplo, e para elle foram queimados
"pelos druidas todos os athenienses, todos os
"romanos — germanicos — celtas que com
"respeito aos sacerdotes não estavam em
boas relações. Isso na epóca da pedra, etc."

Como ja disse atraz, a fuga de ideas toma, ás vezes, um aspecto enganoso de incoherencia, quando a linguagem, não correspondendo á rapidez do pensamento, deixa de expressar ideias intercalares,

Cumpre, porém, distingui-las,

Na incoherencia não se trata de associação menos ou mais rapida, mas, de associação lacunar, com falhas de ideias, com saltos que a fazem rumar para direcções absolutamente imprevistas. Ha o que Bleuler chama a interceptação do pensamento.

Portanto, aqui não se pode interpretar o disturbio como uma hyper ou hypofuncção dos neuronios corticaes, cujos contactos engendrem a associaçãe de ideias mais ou menos celeres, mas sim, como uma ausencia absoluta de funcção, transitoria ou definitiva, de certos neuronios psychicos, donde nasce a interceptação.

A incoherencia não é pois uma variação psychica que exista no estado normal e que se torne pathologica pelo seu exaggero. Não.

A incoherencia de ideias é uma variante psychica, por sua propria natureza, morbida.

O mesmo acontece para a amnesia de conservação, consequencia da funcção retentiva.

Quando, imagens já foram fixadas nos neuronios psychicos, pela sua plastidade, originando engrammas que por muitos annos foram conservados, e os quaes, depois, principiam a desapparecer, é signal evidente de que ha uma profunda mudança na estructura do bioplasma neuronial que desfez a impressão nelle retida e que. provavelmente, importa na degeneração e necrobiose cellular.

Essas presumpções são confirmadas pela anatomopathologia nervosa que, nesses dois casos, vem em nosso auxilio.

Em cerebros de dementes precoces, onde a incoherencia é typica, Klippel e Lhermitte encontraram lesões desenvolvidas no periodo de estadio da molestia e consistindo na atrophia dos neuronios com evolução granulo pigmentaria antecipada, lesões que se diffundem pelos centros de associação, deixando integros os elementos de projecção.

Dunton já encontrára, em um demente precoce necropsiado, lesões minimas em neuronios cerebraes motores, mas, graves nos centros associativos, principalmente nas camadas profundas do cortex.

Na demencia senil, onde a amnesia de conservação é caracteristica, Léri assignala atrophia e desapparecimento de cellulas nervosas cerebraes, com proliferação de cellulas e fibras nevroglicas.

Inversamente, em outras psychoses, em que não ha incoherencia nem amnesia de conservação, como delirios systematizados, psychose maniaco-depressiva, psychoneuroses, a anatomopathologia, quando não é muda, descobre, apenas, alterações superficiaes, principalmente de corticomeningites, mas nunca degeneração ou necrobiose dos neuronios.

Por consequencia: a amnesia de conservação e a incoherencia de ideias não dependem de exaggeros para mais ou para menos de funcções psychicas normaes, mas sim, de ausencia de funcções por degeneração e morte de neuronios corticaes.

Incoherencia e amnesia de conservação são alterações essencialmente qualitativas das funcções cerebraes e de natureza intrinsecamente pathologica.

Daqui se conclue que esses dois symptomas escapam á serie de variações psychicas da hygidez ao morbido que antes analysei.

Nella verificou-se que os phenomenos psychicos anormaes derivam-se de actos psychicos physiologicos da mesma natureza e com os quaes não é possivel estabelecer limites, por differirem delles sómente quanto á intensidade.

Ao contrario, a incoherencia e a amnesia de conservação não fazem serie da sanidade á molestia. Não ha incoherencia nem amnesia de conservação, por minima que seja, que se apresente no estado normal: ambas as perturbações são de natureza essencialmente morbida.

Logo, além das tres conclusões a que cheguei até agora, é preciso accrescentar:

4.º — A incoherencia de ideias e a amnesia de

conservação são signaes evidentes de morbidez psychica.

Tudo resumindo: só ha duas variações de phenomenos psychicos de natureza essencialmente pathologica: amnesia de conservação e incoherencia.

Fóra dessas duas, todas as outras variantes psychica: são da mesma natureza, quer sejam normaes, quer sejam pathologicas e os symptomas de loucura são, apenas, os extremos de longas series de variações psychicas do hygido ao morbido e nas quaes é impossivel delimitar a passagem do estado physiologico para o pathologico.

Mesmo nesses extremos, os symptomas só se tornam signaes de loucura quando surgem agrupados em dois ou mais, sem causa apparente e tendem a persistir.

Postas de lado essas modificações extremadas dos phenomenos psychicos, todas as outras, de media ou de fraca intensidade, não podem decidir o problema do diagnostico da loucura.

Teremos que renunciar a uma delimitação da loucura dentro desses casos?

Até agora, procurámos caracteriza-la pela consideração dos signaes psychicos, evidenciados pela exame das funcções mentaes, e vimos que este methodo tão fecundo é, não obstante, insufficiente para esclarecer a diagnose em todos os casos de variações psychicas de fraca ou media intensidade, fora da incoherencia e da amnesia de conservação.

Não haverá outro criterio capaz de solucionar a questão, abordando-a por outro aspecto?

Penso que esse criterio existe e é precisamente: a finalidade do psychismo.

Para comprehende-la, porém, e applica-la no diagnostico da loucura, é indispensavel, primeiramente, possuir um conceito claro e preciso do que é em essencia o psychismo.

VII. O verdadeiro conceito de psychismo.

Até o seculo passado a sciencia vivia de dua; grandes leis mais geraes: a conservação da materia e a conservação da energia. Desde, porém, que as experiencias de Le Bon, Becquerel, sr. e sra. Curie, provaram a transformação surprehendente da materia em energia e os sabios suspeitaram a transformação inversa nos periodos de concetração das nebulosas, os conceitos de materia e de energia approximaram-se tão intimamente que chegaram a confundir-se em um só e, hoje, parece legitima a noção de que materia e energia sejam manifestações diversas de uma unica e mesma substancia universal.

Desta maneira a lei de Robert Meyer fundiu-se com a de Lavoisier, dando uma unica base á construcção scientifica: a lei da oonservação da substancia universal.

Mas, as ideias de evolução nascidas do transformismo biologico, foram, ainda no seculo XIX, generalizadas por Herbert Spencer, e quem comparar os periodos de evolução e de dissolução da philosophia espenceriana com as noções modernas de cosmogonia, que as sciencias physico-chimicas actualmente nos fornecem, terá, sem duvida, uma viva emoção pelo sopro prophetico que nella se sente.

Toda a sciencia de nossos dias está tão impregnada do conceito de evolução que, si hoje elle fosse arrancado das cogitações humanas, era preciso recrear uma nova sciencia. A evolução do mundo biologico extendeu-se aos corpos inorganizados, transitando do hydrogenio ao uranio e attingiu a energia, completando até o cyclo de involução, com o principio da entropia de Carnot-Clausius.

Ao lado da grande lei da conservação da substancia universal, oriunda da convergencia das leis de Lavoisier e Robert Mayer, ha uma outra lei tão generica como a primeira, a lei de evolução, formulada por Herbert

Spencer, verificada e fortalecida pela sciencia de nosso seculo.

Essas duas leis fazem o pedestal de toda a sciencia.

Vejamos a sua applicação aos corpos vivos.

As especies biologicas evolvem, por uma lentissima transformação, e, para ser garantida essa evolução, conservam-se. Conservar uma especie é conservar os individuos que a constituem. A lei da conservação da substancia universal tem, pois, sua applicação no mundo vivo, pela lei da conservação do individuo.

Mas, a conservação dos individuos só asseguraria em absoluto a conservação da especie, si elles fossem eternos. Para cada especie, porém, ha um limite de conservação de seus individuos. Assim sendo, para que a especie se conserve, é indispensavel a lei da reproducção.

Lei da conservação do individuo e lei da reproducção

são os fundamentos da biologia.

Succede, no entretanto, que a ambiencia em que vive a materia organizada é, de certa maneira, hostil á vida. O meio ambiente resiste ás necessidades nutritivas e genitaes do organismo e, ás vezes, a resistencia transforma-se em aggressão. Nasce dahi um duplo conflicto vital e sexual que é o fulcro de todas as agitações humanas, individuaes ou civilizatorias.

Além, pois, das funcções nutritivas para a conservação do individuo e das funcções genitaes para a conservação da especie, torna-se indispensavel á materia viva, ao bioplasma, uma funcção que amorteça essa resistencia e aggressão do meio ambiente, que o modifique até certo ponto e a elle adapte o organismo, para garantir - lhe a praticabilidade da nutrição e da reproducção.

Ao lado, pois, das leis da conservação do individuo e da conservação da especie, ha uma terceira lei fundamental para a biologia, que condiciona a realização das duas primeiras: a lei da adaptabilidade.

E, da mesma forma que á conservação do individuo

correspondem as funcções de nutrição e á conservação da especie correspondem as funcções de reproducção, de igual maneira, á adapção do organismo ao meio ambiente corresponde um conjunto de funcções que constitue o psychismo.

E' essa a realidade do psychismo, coherente com a noção do panpsychismo da psychologia moderna.

O psychismo é a funcção de adapção do organismo ao meio ambiente em que vive, para que lhe seja assegurada a nutrição e a reproducção, afim de que se conservem o individuo e a especie. O psychismo extendese a toda materia organizada, é a adaptabilidade dos organismos e tem por finalidade a conservação da materia viva.

Mas, não está ahi toda a consequencia do psychismo.

Vimos que, além da conservação da substancia universal, ha a lei, tambem universal, da evolução. A vida, pelo proprio facto de existir, evolve, progride, desenvolve-sc. Contribuir, pois, para a conservação do individuo e da especie é proporcionar o seu desenvolvimento e o psychismo é assim, dentro da vida, o orgão da evolução.

Eis, pois o verdadeiro conceito de psychismo: — a funcção que adapta os organismos ao meio ambiente, proporcionando-lhes o exito nutritivo e sexual, para que a vida seja conservada e desenvolvida na face do planeta.

VIII - O criterio mais generico para limitar a loucura

Dessa definição entrevê-se um novo criterio para delimitar a loucura:

Quaesquer que sejam as variações do psychismo, elle será hygido toda a vez que alcançar a sua finalidade e será morbido sempre que a não attingir.

A hygidez mental será a adaptabilidade do orga-

nismo ao meio ambiente, dando como consequencia a conservação e o desenvolvimento do individuo e da especie.

A loucura será a inadaptilidade do organismo ao meio ambiente, dando como consequencia a não conservação e

desenvolvimento do individuo e da especie.

Resumindo: O psychismo é a função de adaptação do organismo. Não se exercendo elle normalmente, o organismo não pode estabelecer o accordo entre si e o meio ambiente, indispensavel á vida, e tende a perecer, impedindo dest'arte o seu desenvolvimento e deixando de contribuir para a conservação e desenvolvimento da especie.

Dirão que se não observa essa tendencia à morte nas molestias psychicas e que alienados chronicos vivem indefinidamente nos manicomios. E' uma illusão.

A assistencia aos alienados, que todos os paizes civilizados mantêm, mascára o phenomeno, mas, é facil comprehender o que succederia aos doentes mentaes,

si fossem deixados a si mesmos.

Fóra de qualquer assistencia que a sociedade lhes preste, os insanos tendem á morte: ou por suicidio, ou por um violento accidente traumatico ou por inanição, ou por exgotamento, ou por perversões de vida (toxicomanias) ou por contamição proveniente de sordidez, ou pelas proprias desordens somaticas que, muitas vezes, acompanham a loucura.

Em rarissimos casos o louco, fóra dos asylos ou da assistencia familiar, sobreviveria indefinidamente, como em alguns delirios systematizados, mas, neste caso a adaptabilidade embora não abolida, estará restricta. Dar-se-á a conservação do individuo mas o desenvolvimento de sua vida será detido: o delirante systema-

tizado não pode prosperar.

De uma maneira geral, a loucura é uma especie de sentença de morte a longo prazo. Si houver assistencia ao doente mental, a sentença pode não ser cumprida; si essa assistencia não existir a execução será feita. E nos casos excepcionaes em que ella não fosse effeituada, ainda assim o criterio apresentado abrangeria o problema: haveria restricção da adaptabilidade e dahi continuação da conservação, mas parada da evolução do individuo.

É mister fazer aqui uma consideração que, por sua natureza muito geral, exorbita da medicina e attinge as fronteiras da philosophia, razão pela qual só me referirei a ella muito rapidamente.

A historia registra factos desconcertantes em que alguns homens parecem perder a adaptabilidade ao ambiente e conduzem-se assim á morte ou a grande restricção no seu desenvolvimento pessoal, mas, dahi resulta um benificio de conservação ou de evolução de toda ou parte da especie: libertadores de povos, certos religiosos, pioneiros de movimentos sociaes, etc. O caso de Mac Sweney está bem perto de nós.

É o que Herbert Spencer chama na "Justiça" a subordinação ulterior.

Ora, em taes casos, a finalidade ultima do psychismo não foi violada; muito ao contrario, alcançada em maior escala.

Seria paradoxal procurar descobrir ahi a loucura. Cumpre, pois, fazer uma resalva para todos os casos dessa ordem.

Finalmente, que a loucura determina a restricção da conservação e da evolução da especie, é evidente. Basta lembrar a intima relação entre psychopathia e delinquencia.

IX - Conclusões.

Chegando ao fim deste capitulo resumirei em cinco conclusões theoricas e tres praticas, todas as deducções que naturalmente se destacaram deste estudo.

Conclusões theoricas

T

Loucura é a variação psychica que determina a perda ou restricção da adaptação do organismo á ambiencia, diminuindo ou abolindo a conservação ou o desenvolvimento, quer seja do individuo, quer seja principalmente da especie.

II

A incoherencia e a amnesia de conservação são signaes certos de loucura.

III

Fóra da inconherencia e da amnesia de conservação, todas as variações psychicas podem ser physiologicas ou pathologicas, differindo estas daquellas, unicamente, em intensidade.

IV

O exame das funcções psychicas não pode servir de criterio generico para limitar a loucura.

V

O unico criterio generico para limitar a loucura é a apreciação da obediencia ou desobediencia do individuo á lei geral da conservação e evolução da vida.

Conclusões praticas

I

O exame das funcções psychicas é *sufficiente* para a diagnose da loucura nos seguintes dois casos:

- quando revelar incoherencia na associação de ideias ou amnesia de conservação;
- 2.º quando, não havendo incoherencia nem amnesia de conservação, apresentarem-se outras variações psychicas de grande intensidade e que satisfizerem as seguintes condições:

a) a ausencia de causa apparente,

b) concomitancia de dois ou mais symptomas,

c) persistencia dos mesmos.

II.

O exame das funcções psychicas é insufficiente para a diagnose da loucura nos seguintes dois casos:

1.º quando, não havendo incoherencia nem amnesia de conservação, apresentarem-se outras variações psychicas de grande intensidade e que não satisfizerem as seguintes condições:

a) ausencia de causa apparente,

b) concomitancia de dois ou mais symptomas,

c) persistencia dos mesmos.

2.º quando, não havendo incoherencia nem amnesia de conservação, apresentarem-se outras variações psychicas de *fraca intensidade*.

III.

Nos casos em que o exame das funcções psychicas fôr insufficiente para a diagnose da loucura, esta será difficilma e só poderá ser affirmada pelo estudo prolongado da vida do paciente e nas seguintes condições:

a) si as variações psychicas existentes prejudicarem a conservação ou o desenvolvimento do individuo (fracasso de vida, suicidio), sem contribuir para a conservação ou desenvolvimento da especie (subordinação ulterior de Spencer);

b) si as variaçõas psychicas existentes attentarem contra a conservação ou o desenvolvimento da especie

(amoralidade, deliquencia).